

FLUXOS

Janet Vollebregt

Galeria Luis Maluf
Maio 2026
Curadoria Marc Pottier

“Gostaria de abordar a importância de estarmos atentos ao invisível, porém sensível: a energia. Aquilo que não vemos (e sobre o que não falamos) determina muito do que fazemos e criamos. Gostaria de oferecer às pessoas ferramentas para que possam perceber e melhorar o fluxo de energia.” JV

A obra de Janet Vollebregt assemelha-se a uma força de Coriolis interagindo com a circulação atmosférica global. Com a exposição **Fluxos**, ela imerge o público numa obra de arte participativa onde nos fala de energia regenerativa. Esta arquiteta de formação sabe como ninguém se apropriar dos espaços, nos quais as instalações e esculturas apresentadas são odes às filosofias orientais, combinadas com o espírito das pedras, ou mesmo com a revolução neoconcreta humanista e sensorial brasileira.

“Nesta exposição, gostaria de me concentrar no trabalho com energia, aprimorando o fluxo energético tanto no espaço quanto nas pessoas que o ocupam, usam ou transitam por ele. Este sempre foi o tema principal do meu trabalho, desde que cursei Arquitetura na Universidade de Tecnologia de Delft. Além da Arquitetura, estudei Feng Shui chinês (funcionamento da energia no espaço) e Jin Shin Jyutsu japonês (funcionamento da energia no corpo e ao seu redor), o que me levou a estudar também filosofia e religiões japonesas. Meus trabalhos carregam e comunicam influências desses estudos.” JV

A visão da artista para essa exposição de tipo museal é uma verdadeira jornada que, além do poder estético das obras apresentadas, oferece uma experiência sensorial, distanciando os visitantes do cotidiano e conduzindo-os ao espiritual. Da entrada da galeria com o “Jin Shin Jyutsu Parlour” (Salão de Jin Shin Jyutsu) aos “Prayer wheels” (Cilindros de Oração) e seus “Energy benders” (Dobradores de Energia), ela nos fala de uma arte que se funde com a vida e o corpo. Não podemos descrever todas as obras apresentadas nesta exposição e nos concentraremos naquelas que definem o ritmo geral.

“Meu trabalho oferece ferramentas para tomar consciência do mundo energético” JV

“Trabalho com energia sutil para harmonizar tanto o usuário do espaço quanto o próprio espaço. Minhas instalações e objetos de arte visam provocar uma consciência energética do público. Através do poder invisível dos campos de energia, meu trabalho busca estabelecer harmonia e conexão com o todo maior, aumentando a sensação de acolhimento e nutrição no ambiente em que é inserido.” JV

Em seu fluxo criativo, permeado por referências filosóficas chinesas e japonesas, sua imersão no Brasil faz com que, apesar de não estar intimamente familiarizada com a obra da grande Lygia Clark (1920-1988), a obra de Janet segue o mesmo espírito. Assim como essa figura fundamental da arte contemporânea brasileira, Janet busca fazer de sua obra um organismo vivo, e não um mero objeto estático. Tanto Lygia quanto Janet redefinem a arte ao transformar o espectador passivo em participante ativo, colocando a interação sensorial e corporal no centro de seus trabalhos. Seus objetos relacionais visam "desmistificar" a arte, conectando-a simultaneamente a uma filosofia civilizacional.

Com a exposição **Fluxos** Janet desafia as fronteiras artísticas, psicológicas e sociais por meio de experiências sensoriais e relacionais. Ela promove situações que envolvem os participantes em uma relação íntima com seus objetos (Salão Jin Shin Jyutsu, cilindros de oração, João Zen, etc.), incentivando a reconexão consigo mesmo e com os outros. Sua abordagem participativa está enraizada em um contexto político e estético de libertação corporal e expressão individual, libertando a expressão artística para transformar o cotidiano.

“A energia precede o mundo material. Para construir um mundo melhor, precisamos começar cuidando da nossa própria energia. Temos alguma influência sobre ela, e esse é o primeiro passo. Também podemos cuidar da energia dos outros, mas sem cuidarmos da nossa própria (energia), logo nos esgotaremos. Meu trabalho oferece ferramentas para tomar consciência do mundo energético e de maneiras de trabalhar com ele. Algumas obras oferecem ferramentas para a consciência da energia pessoal, física, emocional e espiritual; outras são mais voltadas para a consciência do funcionamento da energia no espaço e no ambiente. Às vezes, meu trabalho se apresenta como instalações ou espaços; ainda sou muito ligado à arquitetura e gostaria de expandir meus horizontes para poder alcançar um público maior.” JV

Jin Shin Jyutsu Parlour

Lygia Clark não teria rejeitado o “Jin Shin Jyutsu Parlour”, esta instalação minimalista e vazada que respeita o fluxo geral do espaço da galeria. A obra é interativa, imersiva ou contemplativa, dependendo do modo escolhido pelo visitante. Aqui, a artista se alinha inegavelmente mais com a cultura Zen. A cultura Zen, um ramo do budismo Mahayana, originário do budismo Chan chinês e desenvolvido no Japão, concentra-se na meditação para alcançar a iluminação (satori). Ela defende a simplicidade, a austeridade, a presença no momento e o desapego do ego para perceber a verdadeira natureza das coisas. Nesta exposição, Janet oferece um recomeço, uma purificação espiritual, uma forma de renascimento, deixando para trás a violência do mundo moderno. Essa experiência inicial deve permitir que os visitantes continuem sua visita de forma calma e concentrada, prontos para interagir com as outras obras apresentadas nesta exposição.

Nesta instalação, as pessoas são convidadas a tomar consciência ou a vivenciar a atuação da energia no espaço e no corpo. A instalação é um "espaço dentro do espaço". Dentro da instalação, um tatame ou futon é colocado, e as pessoas são convidadas a deitar-se e aplicar Jin Shin Jyutsu em si mesmas.

Lembremo-nos também que o Jin Shin Jyutsu é uma arte japonesa ancestral de harmonização energética que utiliza toques suaves com as mãos em 26 pontos específicos do corpo, chamados de "Travas de Energia", para liberar bloqueios físicos, mentais e emocionais. Semelhante à reflexologia, mas sem pressão, visa equilibrar o fluxo de energia vital para reduzir o estresse, ansiedade e promover o autoconhecimento.

Na instalação artística de Janet, uma explicação sobre como aplicar Jin Shun Jyutsu em si mesmo está "na nuvem", uma nuvem pendurada acima do futon, com instruções. O Salão tem quatro cantos compostos por paredes feitas especialmente para a exposição. O restante da divisão entre o espaço de circulação na galeria e o salão é feito por telas semitransparentes que são obras de arte em si mesmas. Essas obras de arte fazem referência ao Jin Shun Jyutsu e trabalham com pedras de granada, que se assemelham às jabuticabas. Enquanto no Japão muitas dessas telas mostram cerejas e flores de cerejeira, aqui a artista escolheu trabalhar com a jabuticaba para mostrar a importância do Brasil em sua obra. As jabuticaba nessas telas semitransparentes também indicam onde os bloqueios de energia no corpo estão localizados.

João Zen

A obra 'João Zen' é inspirada no brinquedo chamado 'João Bobo' em português. O brinquedo João Bobo (ou sempre-em-pé) é um boneco de base arredondada e pesada, projetado para balançar e retornar à posição vertical após ser empurrado, sem nunca cair de fato. Geralmente com formas de animais ou personagens, ele é usado para atividades físicas, alívio de estresse e desenvolvimento da coordenação motora.

A mensagem central é nunca desistir, incorporando o espírito de se levantar novamente após uma queda ou ao enfrentar obstáculos. É uma metáfora tangível para superar a adversidade. Se ao menos os humanos fossem emocionalmente preparados como o 'João Bobo'; se alguém te desequilibra, você simplesmente volta ao seu centro. Na verdade, João não é 'bobo' ou estúpido, João é sábio. É por isso que o artista chama a obra de 'João Zen'.

A obra, em latão elegante (bem diferente do plástico usado nos brinquedos), recebe um elemento de cristal que é onde as pessoas devem tocar para movê-la, evitando que a obra se suje. Ela é colocada sobre uma fina pedra polida, evocando uma poça d'água e, portanto, faz parte de uma instalação maior no espaço.

A escultura João Zen, com suas três seções arredondadas que recuam antes do cone superior pontiagudo, evoca os elementos decorativos encontrados em alguns telhados de templos tibetanos, uma espécie de vaso do tesouro (Bumpa): localizado nos cantos ou nas cumeeiras, simboliza a abundância espiritual e a prosperidade inesgotáveis. Vista de cima, a escultura também pode ser imaginada como as ondulações feitas por uma pedra ao cair na água, propagando energia. João Zen, que também tem a forma simbólica de um corpo, sempre retornará à posição vertical, erguendo-se para enfrentar os desafios da vida.

Prayer wheels

A filosofia das rodas de oração, particularmente no budismo tibetano (rodas mani), baseia-se na difusão de mantras sagrados para gerar compaixão e energia positiva. Girar esses cilindros, que contêm milhares de orações, equivale a recitá-las, espalhando assim benefícios espirituais pelo ar, atuando como um baluarte contra o mal e como uma ferramenta de cura. Essa oração mecânica contínua é frequentemente associada aos cinco elementos (terra, ar, fogo, água e espaço). O movimento no sentido horário simboliza o ciclo da vida, a meditação e a progressão espiritual.

“Rodas de oração é uma nova série que faz parte da ‘família’ das minhas séries ‘perfurações em edifícios’ e ‘pingentes’, obras que reforçam minha visão de que edifícios são entidades ‘vivas’ e que funcionam como talismãs para a proteção de edifícios ou espaços, influenciando tanto o próprio espaço quanto o usuário do espaço por meio de cristais e suas vibrações.” JV

“Os cilindros de oração introduzem a energia do movimento no espaço. No Feng Shui, a energia estagnada cria sujeira e decadência, o movimento cria fluxo e crescimento.

...Acho que o nosso mundo precisa de muitas orações, não necessariamente religiosas ou orações específicas, mas apenas palavras e pensamentos de atenção amorosa e energia edificante. Os meus cilindros de oração integram cristais e pedras naturais e incluem textos de diferentes culturas, como ‘gentileza gera gentileza’ (). Esses textos têm seus duplos sentidos e um pouco de humor, já que literalmente os cilindros de oração têm elementos giratórios ‘gerando’ ou ‘girando’, mas o objetivo principal é que as pessoas mantenham em mente o significado mais profundo dessas palavras.” JV*

As "rodas de oração" estão fixadas na parede, e o público pode girar os cristais e cilindros de latão. Os cristais integrados possuem partes ásperas e partes polidas. Com o tempo, à medida que as pessoas tocam as pedras com as mãos para girá-las, as partes ásperas dos cristais também se polirão, assim como a energia das orações purifica o espírito.

(*) "Sou maluco para te amar e louco para te salvar"

José Datrino, mais conhecido como Profeta Gentileza (1917 – 1996), foi um pregador urbano brasileiro, que se tornou conhecido por fazer, a partir dos anos 1980, em 56 pilastras do Viaduto do Gasômetro, no Rio de Janeiro, inscrições em verde-amarelo propondo sua crítica do mundo e sua alternativa ao mal-estar da civilização. "*Gentileza gera gentileza*" é sua frase mais conhecida.

Energy Bender

Com "Energy Bender", ligada ao Feng Shui, Janet se depara mais uma vez com outra figura icônica da arte contemporânea brasileira: as obras de canto de Cildo Meireles, particularmente a série "Espaços Virtuais: Cantos", iniciada entre 1967 e 1968, instalações conceituais que exploram a topologia, a geometria e a percepção do espaço. Essas obras transformam recantos comuns em espaços para reflexão geométrica e poética. Meireles busca criar "volumes virtuais" que brincam com a visão. O canto, geralmente um lugar de refúgio, solidão ou abandono em uma casa, torna-se

aqui um lugar de ação e tensão, forçando o espectador a se movimentar para compreender a estrutura. A série marca um passo importante na evolução da arte brasileira, ampliando o movimento neoconcreto ao envolver fisicamente o corpo do espectador na construção do significado do espaço. Mas a comparação com a obra de Janet termina aí, cujos ângulos não possuem a conotação política ligada à ditadura do trabalho de Cildo.

Janet acredita que, no Feng Shui, cantos vivos são vistos como locais onde a sujeira se acumula. Sujeira equivale a energia estagnada. Em seus projetos arquitetônicos, ela sempre cria cantos arredondados por esse motivo. Suas novas obras, "Energy Benders" (Dobradores de Energia), são esculturas para serem colocadas em cantos vivos, com o objetivo de melhorar o fluxo de energia no espaço.

Talismã

Janet menciona a palavra talismã ao falar sobre seus cilindros de oração. Deixemos que ela explique melhor:

“Um talismã é um objeto que se acredita possuir poderes 'mágicos' ou sobrenaturais para trazer boa sorte, saúde ou proteção ao seu dono. Por exemplo, uma pedra ou um anel. Às vezes, as pessoas confundem a palavra talismã com amuleto, mas um talismã serve para atrair energia positiva, enquanto um amuleto tem como principal função repelir o mal, o perigo e as doenças. Por exemplo, vejo meus piercings em edifícios como talismãs para construções. Meus totens são talismãs interativos, quase instrumentos para harmonizar energias e talvez menos 'sobrenaturais' e mais científicos do que poderíamos pensar à primeira vista.” JV

A filosofia por trás de um talismã reside na canalização de energias benéficas e na materialização de uma intenção ou desejo, atuando como uma ponte entre o mundo material e planos superiores ou sagrados. A exposição de Janet Vollebregt foi concebida, como um talismã, para atrair, proteger e realizar um convite para que o público recarregue as suas energias. Suas esculturas e instalações visam interagir com forças ocultas, como contratos entre humanos e 'divindades' (fluxos de energias positivas). As obras que Janet apresenta são ferramentas para a emancipação pessoal, destinadas a ajudar a dissipar certas dúvidas e a forjar proteção psicológica. **Fluxos** é mais do que uma exposição, é um poderoso manifesto para uma civilização em declínio.

Janet Vollebregt e o Brasil:

“Fui convidada para um projeto arquitetônico no Brasil, e na ocasião visitei a Bahia, Florianópolis, Brasília e a Chapada dos Veadeiros. Eu já buscava um lugar para criar uma "esfera de acolhimento", um projeto que fosse um exemplo de ambiente energeticamente harmonioso com a natureza, construções, instalações artísticas, trabalho e convivência saudáveis. Acho que o lugar nos encontrou, pois nunca foi planejado ou pretendido viver no interior do Brasil, simplesmente aconteceu. Na Chapada dos Veadeiros, reflorestamos, protegemos os antigos poços de água, reformamos a antiga casa de fazenda e criamos o O.Sítio, um projeto em andamento.

Lembro-me de ter visto slides da obra de Oscar Niemeyer na Faculdade de Arquitetura e de ter me apaixonado por suas linhas floridas e curvilíneas. Nunca imaginei que um dia estaria diante de um de seus edifícios (Museu Nacional da República) em Brasília para mostrar as minhas obras de arte. Também adoro Le Corbusier, Mies van der Rohe e Richard Neutra pela forma como tratam superfícies, materiais, luz, alturas e volumes. Ao chegar ao Brasil, fiquei encantado principalmente com a natureza e Brasília, e com as obras conjuntas de Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Burle Marx e Athos Bulcão. Tenho um carinho especial por Burle Marx e por Rubem Valentim.

Estudei arquitetura na UnB para legalizar meu diploma da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Delft, na Holanda. Foi lá que conheci o trabalho de Lina Bo Bardi, isso, depois de já ter construído a Casa Alto Paraíso no O.Sítio. Me identifiquei muito com ela. Acho que ela cria edifícios com boa energia. A Casa Cirell e a Casa de Vidro têm bastante em comum com as casas que construí. Não conheço muito bem a obra de Lygia Clark; adoro seus bichos, mas nunca a estudei por completo. Acho que na Europa somos bastante influenciados pela arte europeia.”

Janet Vollebregt e a Natureza:

“Sinto-me muito conectado com a visão do xintoísmo japonês, onde a Natureza é vista como Deus e as pessoas como parte dessa natureza. O xintoísmo é voltado para a vida aqui e agora, mas honra os 'kami', ancestrais, montanhas, pedras, rios e árvores. É focado na pureza. No Japão, o xintoísmo é frequentemente praticado em combinação com o budismo, que também aborda a vida após a morte. Identifico-me com ambos e também com o taoísmo chinês. E essas perspectivas se sobrepõem às ideias de Spinoza sobre Deus como Natureza.

O que é Deus? Não creio que tenhamos uma resposta para essa pergunta. Em essência, penso que todas as culturas e religiões falam da mesma 'energia', mas têm

expressões e rituais culturais diferentes, enraizados em seu ambiente, clima, localização etc. Não acredito em um Deus como uma grande figura paterna masculina. Acredito que Jesus viveu e deixou uma bela mensagem. Também acredito que Buda viveu. O problema das religiões é que elas se tornam estruturas de poder dogmáticas e hierárquicas. 'Ser' e viver em harmonia é uma responsabilidade pessoal para consigo mesmo e para com as entidades menores e maiores ao seu redor.

Vivendo em contato com a natureza, aprendi que devemos colaborar com ela. Os humanos frequentemente pensam que podem dominar a natureza, mas para mim isso é um pensamento arrogante. Tudo isso faz do Jin Shin Jyutsu um pilar importante para mim, pois é uma fisiologia que se concentra no autoconhecimento e em como harmonizar a própria energia. É uma fusão do grego "Panta Rhei" (tudo flui) e "Gnoti Seauton" (conhece-te a ti mesmo). Vejo tantos paralelos entre filosofia e religião em diferentes culturas que acredito ser hora de entendermos que a paz e a colaboração são as melhores soluções para todos. Através do meu trabalho, pretendo expressar isso.

Quando Janet fala das pedras:

Quando eu era bem pequena, por volta dos 5 anos, meu pai me levou a uma exposição de pedras preciosas. Me deixaram comprar dez pedras, por uns 10 ou 20 centavos cada. Ainda guardo a caixinha com essas pedrinhas especiais e sempre fui fascinado por elas. Comecei a estudar Arquitetura aos 18 anos. É trabalhar com pedras em outro nível.

Um dia li um livro bastante "fora da caixa", a "autobiografia espiritual" de Elisabeth Haich, escrita em 1960. O livro aprofunda-se muito na reencarnação (dela), e não tenho certeza se acredito nisso da maneira como ela descreve, mas ela fala sobre pedras como entidades vivas com uma vibração mais baixa do que, por exemplo, plantas, animais e pessoas. Achei o conceito muito interessante. No xintoísmo, montanhas e pedras também são vistas como "kami", pois no xintoísmo a energia "espiritual" permeia os objetos materiais naturais.

Durante cerca de 10 anos, passei 6 semanas por ano na Ásia estudando budismo e taoísmo. Estudei o livro tibetano da vida e da morte diversas vezes, que também aborda bastante a manifestação e a perda de energia. Aprofundei-me no estudo do Jin Shin Jyutsu (com um mentor) e suas conexões com outros campos do conhecimento. E, claro, no Feng Shui, que tem uma relação direta com o ambiente construído.

O fato de a vida ter me trazido à Chapada dos Veadeiros, para viver em uma das maiores placas de cristal do mundo, foi algo totalmente inesperado e não planejado. Sempre imaginei que acabaria morando em algum lugar da Ásia, no litoral (já que eu era mergulhador de resgate em águas profundas), e não no interior, perto de uma cachoeira. Mas me sinto abençoado por ter tido a oportunidade de vivenciar este lugar mágico de natureza extrema. A beleza é extrema, os perigos também. Aqui, simplesmente encontrei cristais brotando do chão. Na Chapada, junto com meu parceiro Xavier de Bode, estávamos trabalhando no projeto O.Sítio, mas projetos de grande escala levam anos. Durante esse projeto, senti a necessidade de expressar meu trabalho energético em uma escala menor e mais rápida. As primeiras obras, Art.Chi.Textures texture, parecem maquetes arquitetônicas feitas de cristais e são parcialmente inspiradas nas composições de Sergio Camargo.